

Artigo científico questiona a obrigatoriedade do uso do acessório em áreas externas sob a justificativa de que a maioria dos contágios ocorre em locais fechados. Na mesma publicação, outro texto enfatiza que, em uma pandemia, qualquer risco de infecção precisa ser considerado

A polêmica das máscaras



» PALOMA OLIVETO

Na semana em que os Estados Unidos **suspenderam a obrigatoriedade** do uso de máscara ao ar livre para pessoas vacinadas contra a covid-19, um artigo publicado na revista *The British Medical Journal* coloca em dúvida a necessidade do equipamento em ambientes externos, independentemente da imunização. Citando estudos epidemiológicos, os autores argumentam que o risco de transmissão por Sars-CoV-2 em locais abertos é baixo demais — menos de 10% — para justificar sua necessidade. Para os epidemiologistas norte-americanos Muge Cevik, Zeynep Tufekci e Stefan Baral, das universidades de St. Andrews, da Carolina do Norte e de Johns Hopkins, o importante é reforçar a importância de cobrir adequadamente o nariz e a boca em ambientes internos.

“Consistente com a baixa concentração de Sars-CoV-2 ao ar livre devido à ventilação natural, a transmissão externa contribui muito pouco para as epidemias de covid-19”, alegam. Um dos estudos que os autores utilizam para justificar a dispensa da máscara em ambientes externos foi divulgado em novembro, na plataforma de pré-publicação MedRxiv. O trabalho, da Universidade de Canterbury, na Austrália, fez um apanhado de 35 pesquisas que avaliaram a transmissibilidade do vírus ao ar livre. “A revisão encontrou muito poucos exemplos de transmissão externa de covid-19 no dia a dia entre 25 mil casos da doença considerados, sugerindo um risco muito baixo”, aponta o autor, Mike Weed, professor de políticas de ciências aplicadas. Porém, ele ressalta que esse risco aumenta quando há aglomerações, como eventos públicos.

Cevik, Tufekci e Baral argumentam, no BJM, que os custos da implementação de políticas que obrigam o uso de máscaras ao ar livre são maiores que os benefícios, já que não há evidências científicas sobre um alto risco de transmissão do vírus em ambientes externos. Eles também defendem que os esforços dos formuladores de políticas públicas se concentrem nos contágios em locais fechados.

“O isolamento social contribui significativamente para a morbidade e a mortalidade precoce e tem maior importância para a saúde e o bem-estar do que muitas vezes é percebido. Isso também pode resultar em algumas pessoas se reunindo em ambientes fechados ou evitando exercícios, um componente crucial da saúde física e

Angela Weiss/AFP



Pedestres em uma rua de Nova York: estadunidenses que já foram vacinados não precisam mais usar máscara ao ar livre

“Com segurança”

Na terça-feira, a diretora do Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos EUA, Rochelle Walensky, afirmou que o órgão tem nova orientação sobre uso de máscaras em áreas externas para pessoas que receberam duas doses da vacina. Eles não precisarão usar o equipamento ao ar livre, nem em jantares com amigos e familiares. “A ciência mostra que é possível fazer isso com segurança”, disse, em coletiva de imprensa.

mental”, escreveram. “Portanto, concentrar a energia na prevenção da grande maioria das infecções — que ocorrem em ambientes fechados —, ao mesmo tempo em que permitir que o exterior seja um lugar onde a energia das pessoas é recarregada por meio de ar puro, atividade física e conexão social, pagaria grandes dividendos do ponto de vista da saúde pública. Em última análise, os custos das políticas que visam o uso regular de máscaras ao ar livre devem ser comparados com seus benefícios limitados.”

Para Simon Clark, professor de microbiologia celular da Universidade de Reading, no Reino Unido, as “evidências para obrigar o uso de máscara em ambientes abertos permanecem fracas e circunstanciais”. “A fim de obter a adesão do público e manter sua confiança enquanto a pandemia avança, quais-

» Palavra de especialista

Realidade brasileira exige a proteção

“Os autores alegam que as restrições impostas pela pandemia já limitaram conexões sociais e que a obrigatoriedade do uso de máscaras ao ar livre pode funcionar como ‘impeditivo’ para que as pessoas se reúnam nesse tipo de local. Isso, segundo o artigo, pioraria o isolamento social e a falta de atividade física, além de fazer com que os indivíduos optassem por se reunir em lugares fechados e sem o uso de máscaras, o que seria bem pior.

Entretanto, ao extrapolar para a realidade brasileira, precisamos analisar que estamos ainda em um período com alta transmissibilidade, com serviços de saúde sobrecarregados e com baixa cobertura vacinal. Mesmo os in-

divíduos já imunizados receberam vacinas com eficácia global menor, o que tende a reduzir o risco de formas graves e críticas, mas que não impede o desenvolvimento da doença. Portanto, ainda devemos reforçar a necessidade do uso universal de máscaras.

O mais importante do artigo é que os autores reforçam que os riscos de transmissão em ambientes fechados são muito elevados. Ou seja, pequenos encontros familiares, festas e reuniões, se inevitáveis, deveriam ser feitas ao ar livre. As pessoas que usam máscara na rua como ‘obrigação’, mas promovem encontros em casa com amigos, estão se expondo a um risco de contágio muito elevado e contribuindo para a manutenção da cadeia de transmissão e de surgimento de novas cepas.”

divíduos já imunizados receberam vacinas com eficácia global menor, o que tende a reduzir o risco de formas graves e críticas, mas que não impede o desenvolvimento da doença. Portanto, ainda devemos reforçar a necessidade do uso universal de máscaras.

O mais importante do artigo é que os autores reforçam que os riscos de transmissão em ambientes fechados são muito elevados. Ou seja, pequenos encontros familiares, festas e reuniões, se inevitáveis, deveriam ser feitas ao ar livre. As pessoas que usam máscara na rua como ‘obrigação’, mas promovem encontros em casa com amigos, estão se expondo a um risco de contágio muito elevado e contribuindo para a manutenção da cadeia de transmissão e de surgimento de novas cepas.”

Livia Vanessa Ribeiro, infectologista da Sociedade de Infectologia do Distrito Federal

quer restrições novas ou contínuas nas vidas das pessoas precisam ser baseadas em ciência sólida, em vez de suposições”, defende.

Multidões

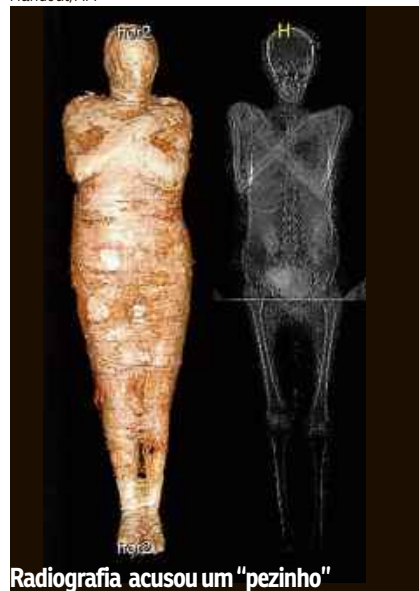
“A infecção por Sars-CoV-2, provavelmente, depende da quantidade de partículas infecciosas inoculadas, que, por sua vez, depende, principalmente, de dois fatores: a concentração do vírus no ar e a duração da exposição”, alegam. “Situações em que as pessoas compartilham o ar com menos diluição (devido ao vento e ao movimento) por um tempo prolongado, como em multidões e na fila, apresentam algum risco de transmissão, embora esse risco seja menor do que em ambientes fechados devido à diluição muito maior e rápida ao ar livre e à falta de acumulação.” Para os autores, mesmo que o risco ao ar livre seja mais baixo, a utilização da máscara “trará benefícios na redução de riscos durante a fase pandêmica da covid-19”.

Antes, acreditava-se que corpo era um sacerdote: sarcófago está em museu da Polônia

MORTA HÁ 2 MIL ANOS

Múmia egípcia grávida é descoberta

Handout/AFP



Radiografia acusou um “pezinho”

Análises de raios X dos restos mortais de uma egípcia morta há 2 mil anos revelaram uma particularidade sobre a mulher. Ela estava grávida. É a primeira múmia a ser encontrada nesse estado, disseram os cientistas do Museu Nacional de Varsóvia. “Meu marido Stanislaw, egíptólogo, e eu, ao examinarmos as imagens radiográficas, notamos, no útero da falecida, uma imagem familiar a pais de três filhos: um pezinho”, declarou à imprensa Marzena Ozarek-Szilke, antropóloga e arqueóloga da Universidade de Varsóvia.

“Não sabemos por que o feto não foi retirado do útero da falecida durante sua mumificação”, disse Wojciech Ejsmond, da Academia Polonesa de Ciências, que também participa do

projeto. “Essa múmia é realmente única. Não encontramos casos semelhantes. Isso significa que ‘nossa’ múmia é a única encontrada no mundo com um feto”, ressaltou.

De acordo com o estudo dos hieróglifos inscritos no sarcófago, inicialmente, considerou-se que a múmia era de um sacerdote que viveu entre o século 1 a.C. e o século 1 d.C. Os cientistas, agora, acreditam que ela pode ser ainda mais antiga e estão tentando descobrir a possível causa de sua morte.

Novos estudos

A múmia não foi aberta, mas uma das radiografias mostra que a mulher tinha cabelos longos e encaracolados, que desciam até os ombros. A desco-

Aleksander Leydo/AFP - 15/12/15



Antes, acreditava-se que corpo era um sacerdote: sarcófago está em museu da Polônia

berta foi anunciada na última edição do *Journal of Archaeological Science*, uma publicação revisada por pares.

“É o primeiro caso conhecido de um corpo embalsamado de gestante (...) Isso abre novas possibilidades para pesquisas sobre gravidez na anti-

guidade e práticas relacionadas à maternidade”, destaca o artigo. A múmia foi levada para a Polônia no século 19 e faz parte da coleção de antiguidades da Universidade de Varsóvia. Ela está no Museu Nacional desde 1917, exposta no sarcófago.